

# A cultura digital no magistério do Papa Francisco

## *Digital culture in the magisterium of Pope Francis*

FILIPE DOMINGUES\*

### Abstract

This contribution analyzes the theme of digital culture in the teachings of Pope Francis. Human communication is crucial in Francis' speeches, who insistently questions whether digital culture and technological advances really promote true human communication – the culture of encounter – or whether they are just new obstacles to achieving it. Although the digital is not one of the strongest themes of his magisterium, as are other social issues, its elements appear on several occasions. Here, Francis' thought within the social and academic context on digital culture is articulated with elements of Catholic Social Teaching. This paper illustrates the evolution of the topic in his pontificate and argues that Francis' view on digital culture is directly related to his critique of the technocratic paradigm. Apparently, in his thinking prevails a concern about the dominance that, through a comprehensive process of digitalization of life and society, technique can have over reason and the transcendent. His view is critical, although he does not fail to point to traits that he

---

\* Pontificia Università Gregoriana; The Lay Centre, Roma; <https://orcid.org/0000-0002-0770-5498>; [domingues@laycentre.org](mailto:domingues@laycentre.org). This paper is the result of the research carried out in the «Digital Ecology» workgroup of the research project «Common home and new ways of living interculturally: Public theology and ecology of culture in pandemic times», developed in the scope of the Research Centre in Theology and Religion Studies, Catholic University of Portugal.

considers to be positive in this culture. Moreover, Pope Francis sees the digital experiences of human life as something that should complement, not replace, the physical and face-to-face element.

**Keywords:** Pope Francis; Digital Culture; Communication; Technocratic Paradigm.

### **Resumo**

Esta contribuição analisa o tema da cultura digital no magistério do Papa Francisco. A comunicação humana é um ponto central para ele, que questiona com insistência se a cultura digital e os avanços tecnológicos promovem realmente uma comunicação humana verdadeira – a cultura do encontro – ou se são apenas novos obstáculos para alcançá-la. Embora o digital não seja um dos temas mais fortes de seu magistério, como são outras questões sociais, seus elementos aparecem em diversas ocasiões. Articula-se, aqui, o pensamento de Francisco dentro do contexto social e acadêmico sobre a cultura digital, com elementos da Doutrina Social da Igreja, e ilustra-se a evolução do tema neste pontificado. Argumenta-se que a visão de Francisco sobre a cultura digital está diretamente relacionada à sua crítica ao paradigma tecnocrático. Aparentemente, prevalece em seu pensamento a preocupação com o domínio que, por meio de um abrangente processo de digitalização da vida e da sociedade, a técnica pode ter sobre a razão e o transcendente. Sua visão é crítica, embora ele não deixe de apontar para traços que considera serem positivos nesta cultura. Além disso, o Papa Francisco encara as experiências digitais da vida humana como algo que deve complementar, e não substituir, o elemento físico e presencial.

**Palavras-chave:** Papa Francisco; Cultura digital; Comunicação; Paradigma tecnocrático.

## Introdução

Toda a vida cristã «parte e se desenvolve por meio da relação de pessoa a pessoa»<sup>1</sup>, diz Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco, 266.º bispo de Roma e pontífice da Igreja Católica desde 13 de março de 2013.

Inspirado pela encíclica *Redemptoris Missio* de seu predecessor, o Papa (e Santo) João Paulo II<sup>2</sup>, ele afirma enxergar na comunicação um tema chave para a humanidade de hoje, pois vivemos em um mundo «globalizado e hiperconectado» em que as relações interpessoais estão em constante transformação. Cabe aos membros da Igreja avaliar, e especialmente àqueles que vivem a comunicação não só como ciência e trabalho, mas como uma vocação, refletir sobre como «viver em rede ou conectados» e também entender «até que ponto a nossa comunicação, enriquecida pelo ambiente digital, efetivamente cria pontes e contribui à construção da cultura do encontro»<sup>3</sup>.

É bem verdade que o tema da cultura digital não seja o mais distintivo do pontificado do Papa Francisco – ou, pelo menos, não tanto como outros temas de caráter social, como a pobreza e a migração, ou de caráter teológico-pastoral, como a misericórdia e a sinodalidade. Entretanto, podemos dizer, sim, como se pode compreender na fala acima, que a comunicação humana é um ponto nevrálgico para o atual Sumo Pontífice, com particular ênfase na promoção do diálogo humano. Francisco frequentemente trata da comunicação de maneira mais ampla. Em diversas ocasiões e, particularmente, em sua encíclica social *Fratelli tutti* (FT), ele defende a convivência e a colaboração entre os diferentes ao apresentar a chamada «cultura do encontro», em detrimento da prevalente «cultura do descarté», algo que só pode ser feito por meio de um

---

<sup>1</sup> Papa Francisco, «Udienza ai Partecipanti al Capitolo Generale della Società San Paolo (Paolini)», 18 de junho de 2022, <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2022/06/18/0469/00964.pdf>.

<sup>2</sup> João Paulo II definiu os meios de comunicação como «aréopago moderno» e incorporou em seu magistério o conceito de «aldeia global» de Marshall McLuhan, que, embora anterior à revolução digital e à Internet, já tratava da aproximação de diferentes povos por meio da comunicação mediada pela tecnologia. Mais em: João Paulo II, *Redemptoris missio*, 7 de dezembro de 1990, no. 37, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.pdf](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.pdf).

<sup>3</sup> Papa Francisco, «Udienza ai Paolini».

comprometimento profundo e generalizado com o que ele define como «amizade social»<sup>4</sup>.

Também a introdução da «sinodalidade como estilo de Igreja»<sup>5</sup>, que é a «cultura do encontro» aplicada à própria Igreja, e a ênfase no conceito de «discípulos missionários»<sup>6</sup>, como dimensão pessoal do encontro com Cristo que se reflete na vida pública e nas relações com os outros, deixam bastante claro que promover e desenvolver a comunicação é algo que preocupa, e muito, o Papa Francisco – embora, talvez, sem o linguajar e a abordagem técnicos de um estudioso das ciências da comunicação.

Por outro lado, Francisco não deixa de tratar de aspectos direta ou indiretamente ligados à cultura digital, seja em cartas encíclicas, exortações apostólicas, discursos e mensagens para os Dias Mundiais da Comunicação, como fizeram também seus antecessores – especialmente o Papa Bento XVI<sup>7</sup>. Este artigo busca relatar e analisar o tema da cultura digital no magistério do Papa Francisco. Articula-se, aqui, seu pensamento dentro do contexto social e acadêmico sobre a cultura digital, com elementos da Doutrina Social da Igreja introduzidos e desenvolvidos anteriormente e, por fim, ilustra-se a evolução do tema do digital ao longo do seu pontificado.

Nosso objetivo, aqui, não é de listar de forma esquemática todas as contribuições do Papa Francisco sobre o tema, mas de buscar compreender quais são as grandes linhas ou pontos chave de sua interpretação sobre a cultura digital. Na primeira metade do artigo (itens 1, 2 e 3),

---

<sup>4</sup> Papa Francisco, *Fratelli tutti*, 3 de outubro de 2020, no. 99, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.pdf](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.pdf).

<sup>5</sup> Michael Czerny, «Verso una Chiesa sinodale,» *La Civiltà Cattolica*, 31 de dezembro de 2020, <https://www.laciviltacattolica.it/articolo/verso-una-chiesa-sinodale/>.

<sup>6</sup> Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, 24 de novembro de 2013, no. 119-121, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.pdf](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.pdf).

<sup>7</sup> Jesús Sánchez-Camacho, «The approach of Pope Benedict XVI to media and digital culture in Catholic social thought,» *Church, Communication and Culture* 7, no. 2 (3 de julho de 2022): 391-414.

faz-se uma contextualização sobre a cultura digital e sobre o magistério de Francisco a esse respeito, com atenção especial à encíclica *Laudato si'*. Na segunda parte (itens 4, 5 e 6), apresentam-se algumas outras contribuições de seu magistério sobre esse tema.

Argumenta-se, portanto, que a visão do Papa Francisco sobre a cultura digital é predominantemente crítica, ou seja, com viés majoritariamente negativo, embora ele não deixe de apontar para traços que considera serem positivos. Essencialmente, ele questiona com insistência, como mencionado acima, se a cultura digital e os avanços tecnológicos da atualidade promovem realmente uma comunicação humana verdadeira – o encontro – ou se são apenas novos obstáculos para alcançá-la, uma distração ou uma perversão da comunicação, dando-nos apenas a «ilusão» de comunicar. (*Fratelli tutti* 42)

Naturalmente, essa sua visão é complexa. Observa-se, na verdade, que está diretamente relacionada com a crítica ao paradigma tecnocrático, algo que Francisco retoma com frequência em seus escritos e discursos, muitas vezes como referência a outros pontífices que o antecederam, em particular Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI. Aparentemente, prevalece em seu pensamento sobre a cultura digital a preocupação com o domínio que, por meio de um abrangente processo de digitalização da vida e da sociedade, a técnica pode ter sobre a razão e o transcendente.

Ainda que sem adotar uma conceitualização precisa e elaborada da noção de «cultura digital», e por causa de suas ressalvas sobre o paradigma tecnocrático, o Papa Francisco encara as experiências digitais da vida humana como algo que deve complementar, e não substituir, o elemento físico e presencial – modalidade, enfim, que ele considera ser uma forma de «encontro» mais autêntica entre as pessoas.

### **1. Complexidade do digital**

A análise do Papa Francisco sobre o momento em que vivemos, inclusive sobre o papel da tecnologia no atual contexto, aparece em um cenário histórico singular. Hoje, a sociedade já está em rede – o processo

de digitalização (ou «digitização»<sup>8</sup>, como alguns preferem dizer), que por décadas foi previsto e anunciado por estudiosos, já está instalado e em constante evolução. A maioria dos processos humanos e sociais passa de alguma forma pelas conexões digitais, pela rede. A revolução digital, portanto, não é só tecnológica; ela é também social, econômica, política e cultural, pois colocou a informação no centro de praticamente todos os processos humanos. Ela transformou as culturas locais ao expô-las ao ambiente global, criando uma única cultura digital.

Como diz Manuel Castells, essa transformação histórica foi gradual, e se consolidou nos anos 1970 quando a convergência de diferentes técnicas permitiu a criação de novas tecnologias e fez com que a informação penetrasse todas as esferas da atividade humana. A capacidade de coletar, armazenar e distribuir informação é, basicamente, o que diferencia o mundo de hoje daquele de 60 anos atrás. Embora não se trate simplesmente de dizer que a tecnologia da informação determine a sociedade, pode-se afirmar que «a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas»<sup>9</sup>.

A cultura digital é, portanto, uma cultura que já assimilou a revolução digital. Já há alguns anos, Castells afirmava que as pessoas não vivem em uma «realidade virtual», mas em uma «virtualidade real»<sup>10</sup>, pois as práticas sociais e, em suma, a vida ordinária em sociedade, são facilitadas pelo digital. As camadas digitais e analógicas da vida, hoje, se sobrepõem e estão intimamente fundidas – algo que Castells e outros estudiosos já previam. Podemos dizer, mais ainda, que muitos dos processos humanos hoje considerados essenciais não poderiam mais funcionar caso fosse extinta a dimensão digital: basta pensar no sistema econômico-financeiro

---

<sup>8</sup> J. Scott Brennen and Daniel Kreiss, «Digitalization,» in *The International Encyclopedia of Communication Theory and Philosophy* (Chichester: John Wiley & Sons, 2016), 1-11.

<sup>9</sup> Manuel Castells, *A sociedade em rede* (São Paulo: Paz e Terra, 2007), 43.

<sup>10</sup> Tradução livre de Manuel Castells, *The Information Age: Economy, Society and Culture, The Power of Identity* (Chichester: John Wiley & Sons, 1997), 403.

global ou no turismo, por exemplo, sem falar na educação, na geolocalização e, em suma, nas relações sociais dos jovens.

A nossa cultura dominante, hoje, é uma cultura em que a comunicação, mas não só ela como todas as experiências humanas, incorporam de alguma forma o elemento digital com naturalidade. As redes sociais – que são apenas uma das faces mais notáveis da cultura digital – permitem que diferentes tipos de relações humanas encontrem expressões digitais, desde as relações amorosas, íntimas e familiares, às mais superficiais, como as comerciais e profissionais. A realidade aumentada (AR), a Internet das coisas (IoT) e o metaverso surgem para abrir novas fronteiras nesse sentido. A transformação digital fez com que aqueles indivíduos e subculturas que não entraram no universo digital nem participam das dinâmicas que ele proporciona sejam sujeitos marginalizados e, portanto, menos visíveis para a sociedade como um todo.

Tudo isso, continua Castells, «transforma a cultura porque as pessoas compartilham experiências com um baixo custo emocional, enquanto economizam energia e esforços»<sup>11</sup>. Vivemos nessa constante interação, como diz o autor, entre aquilo que o indivíduo é, o «Eu», e aquilo a que é exposto lá fora, a «Rede». O digital torna, portanto, a vida em sociedade sensivelmente mais complexa, pois há que se estabelecer continuamente barreiras entre o que é vivido de forma conectada e o que pode ser deixado de «fora» – embora, ao mesmo tempo, sequer tenhamos completo conhecimento e controle sobre as tecnologias que permitem acessar as redes e sobre os dados que expomos às redes a todo momento. As redes «transcendem o tempo e o espaço e, ainda assim, produzem conteúdos, estabelecem ligações e conectam práticas»<sup>12</sup>. O mundo conectado, no qual prevalece a cultura digital, é o mundo em que a experiência humana se diferencia conforme evolui a tecnologia da informação.

---

<sup>11</sup> Tradução livre de Manuel Castells, «The Impact of the Internet on Society: A Global Perspective», *Society, the Community, and People* (2013): 140-141, [http://aasa.ut.cc/augsburg/literature/CASTELLS\\_BBVA-OpenMind-book-Change-19-key-essays-on-how-internet-is-changing-our-lives-Technology-Internet-Innovation.pdf](http://aasa.ut.cc/augsburg/literature/CASTELLS_BBVA-OpenMind-book-Change-19-key-essays-on-how-internet-is-changing-our-lives-Technology-Internet-Innovation.pdf).

<sup>12</sup> Castells, «The Impact of the Internet on Society: A Global Perspective».

Em uma contribuição mais recente sobre a cultura digital, Vincent Miller nota que um ponto a ser destacado, hoje, é o fato de a Internet ter se tornado uma parte «insignificante» da cultura e da vida diária, porém no sentido de que passou a ser normalizada, pouco percebida, incorporada no nosso dia a dia, nas nossas interações e atividades mais corriqueiras. Isso só foi possível por causa dos telemóveis – ou telefones celulares, *smartphones* – que permitiram a individualização do acesso à rede e, portanto, da produção e consumo de conteúdos personalizada, conforme os gostos e interesses de cada pessoa e grupo<sup>13</sup>.

A Internet se tornou, agora, uma parte principal do trabalho, lazer, da vida social e política, para a maioria das pessoas em nações de economia avançada. Não se trata mais de uma novidade, algo único ou com potencial de transformar a vida, mas é sua natureza mundana e pervasiva que dá à Internet a sua significância. Não no sentido de que «mudou» profundamente o mundo, mas no sentido de que se tornou emaranhada dentro das estruturas duradouras de nossa sociedade. Como tal, a esfera *online* não é mais um domínio separado do «mundo real» *offline*, mas está completamente integrada na vida *offline*.<sup>14</sup>

O grande paradoxo da tecnologia digital, assim, é que ela se tornou tão presente e tão difusa que, curiosamente, já não a notamos mais. É cada vez mais sutil a diferença entre os «nativos digitais» e os «migrantes digitais»<sup>15</sup>. A cultura digital, resume Miller, é marcada pela presença desse tipo de tecnologia, mas também pelas infraestruturas que

---

<sup>13</sup> Sobre esse ponto, é essencial o conceito de «individualismo conectado» em: Lee Rainie and Barry Wellman, *Networked: The New Social Operating System* (Cambridge: The MIT Press, 2012), <https://www.jstor.org/stable/j.ctt5vjq62>.

<sup>14</sup> Tradução livre de Vincent Miller, *Understanding Digital Culture* (Thousand Oaks: SAGE Publications, 2020), 1.

<sup>15</sup> Responsável por introduzir esses conceitos ao analisar novas formas de educação e aprendizado, Prensky argumenta que, mais importante do que diferenciar nativos digitais de migrantes digitais é promover a «sabedoria digital». Mais em Marc Prensky, «H. Sapiens Digital: From Digital Immigrants and Digital Natives to Digital Wisdom,» *Innovate: Journal of Online Education*, vol. 5, no. 3 (2009), <https://www.learnlib.org/p/104264/>.

permitem a conexão, a interação, a hipertextualidade, a automação e o armazenamento de dados de forma organizada. Podemos dizer, então, que viver em uma cultura digital não remete apenas à adoção de novas técnicas e instrumentos de comunicação. Em vez disso, significa ter um novo jeito de fazer as coisas, a tal ponto que o «novo» não é mais novo, mas simplesmente algo arraigado na cultura, na vida de cada dia, nas características mais básicas que definem a sociedade. Há, definitivamente, uma mudança de percepção do espaço e do tempo, da vida familiar, social, do trabalho e da cidadania, entre outros.

É nesse contexto de digitalização, em que cresce a importância da tecnologia na vida de cada dia, que, na sua encíclica *Laudato si'* (LS), de 2015, o Papa Francisco introduz em seu magistério o conceito de ecologia integral que nos leva, hoje, a refletir sobre «ecologias digitais».

## 2. *Laudato si'* e ecologia integral

Como se sabe, a carta encíclica *Laudato si'*, sobre o cuidado da «casa comum», do Papa Francisco, teve grande repercussão internacional à época de sua publicação e ainda hoje vem inspirando iniciativas em todo o mundo, direta ou indiretamente relacionadas à questão ambiental. Após a exortação apostólica *Evangelii gaudium*, de 2013, essa foi a primeira encíclica totalmente pensada por Francisco<sup>16</sup>. Talvez se possa dizer que o ponto central do documento seja a promoção de uma «ecologia integral», ou seja, uma harmonização entre o ser humano e a criação divina, levando-se em consideração todas as dimensões de cada pessoa – intelectual, relacional, física e espiritual – e tendo-se o bem comum como princípio central e inspirador de toda a humanidade, e não apenas das pessoas que creem em Deus.

Uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso

---

<sup>16</sup> Logo no início de seu pontificado, Francisco publicou a carta encíclica *Lumen fidei*, de 2013, que, na verdade, foi majoritariamente escrita pelo Papa Bento XVI.

estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença «não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada». (LS 225)<sup>17</sup>

Francisco diz que os seres humanos são guardiães da criação divina, e não seus proprietários ou mestres. (LS 236) Embora o documento tenha se tornado reconhecido por sua defesa à proteção do ambiente natural, num contexto em que se temem as mudanças climáticas, *Laudato si'* é uma análise compreensiva, especializada e rica sobre o cenário histórico atual. Em outras palavras, o Papa Francisco defende que os problemas sociais e ambientais têm raízes comuns e que, por trás de tudo, está uma crise mundial de valores, que ele descreve ao longo do texto.

«Tudo está interligado», diz. (LS 240) A cena global que Francisco descreve na *Laudato si'* é, no entanto, predominantemente negativa e, talvez mesmo, catastrófica. Ele apresenta um panorama difícil, em que há grande deterioração da qualidade da vida humana e degradação social. Além da destruição de florestas e dos riscos para as comunidades nativas de todo o mundo, Francisco exemplifica diversas mazelas ambientais e sociais, por exemplo: cidades descontroladas, com crescimento desorganizado; a violência, o narcotráfico e o aumento do consumo de drogas; condomínios de luxo que separam com muros os que têm bens materiais em abundância dos que não têm nada. A questão do aquecimento global e das emissões de gases estufa permeia todo o documento.<sup>18</sup>

Na *Laudato si'*, o Pontífice diz que prevalece na humanidade uma «cultura do descartar» (LS 43), em que há não somente um excessivo desperdício material de objetos, comida e recursos naturais, como também um «descarte» de pessoas – que são tratadas como objetos a serem

---

<sup>17</sup> Neste artigo, as citações de documentos papais estão em tradução oficial; portanto em português de Portugal.

<sup>18</sup> Há que se notar que, se a *Laudato si'* fosse escrita hoje, o cenário descrito talvez seria ainda pior – soma-se à crise ambiental o contexto de enorme instabilidade econômica produzido pela pandemia da Covid-19, além de uma nova crise alimentar e energética proveniente da instabilidade causada pela guerra na Ucrânia, entre outras questões de dimensão global. Todos esses temas são permeados pela cultura digital.

desprezados, seja por falta de utilidade ou por pura indiferença. Parte da população é excluída de todos os processos importantes e, dessa forma, não está somente à margem, mas, ainda pior, é considerada «descarte». Por isso, Francisco defende que a Igreja se volte às «periferias existenciais», que saia de suas certezas, deixe de ser autorreferencial, e volte-se para as situações de sofrimento e de dor, curando as feridas do mundo, pois o mundo vive uma «silenciosa ruptura dos vínculos de integração e comunhão social.» (LS 46)

A *Laudato si'* resume o contexto trágico que o Papa Francisco enxerga as mídias e a tecnologia, sejam elas as tradicionais sejam aquelas orientadas pela rede. Diz ele:

A isto vêm juntar-se às dinâmicas dos *mass media* e do mundo digital, que, quando se tornam omnipresentes, não favorecem o desenvolvimento duma capacidade de viver com sabedoria, pensar em profundidade, amar com generosidade. Neste contexto, os grandes sábios do passado correriam o risco de ver sufocada a sua sabedoria no meio do ruído dispersivo da informação. Isto exige de nós um esforço para que esses meios se traduzam num novo desenvolvimento cultural da humanidade, e não numa deterioração da sua riqueza mais profunda. A verdadeira sabedoria, fruto da reflexão, do diálogo e do encontro generoso entre as pessoas, não se adquire com uma mera acumulação de dados, que, numa espécie de poluição mental, acabam por saturar e confundir. (LS 47)

Nota-se, no texto de Francisco, o temor de que a tecnologia – ou, talvez possa-se dizer, a técnica<sup>19</sup> – venha a dominar ainda mais expressões da vida humana. Isso fica claro quando ele afirma que as dinâmicas dos *mass media* e do mundo digital «tendem a substituir as relações reais

---

<sup>19</sup> Adriano Fabris define a «técnica» como instrumentos que potencializam a ação humana, enquanto a «tecnologia» é um conjunto de técnicas reunidas e consolidadas, que ganham a capacidade de agir por conta própria, de maneira independente ao controle humano. Mais em Adriano Fabris, *Etiche applicate. Una guida* (Roma: Carocci, 2018).

com os outros, com todos os desafios que implicam, por um tipo de comunicação mediada pela Internet». (LS 47) A citação da *Laudato si'* continua com o Papa falando de «um novo tipo de emoções artificiais, que têm a ver mais com dispositivos e monitores do que com as pessoas e a natureza»<sup>20</sup>.

Se, por um lado, os meios de comunicação digitais permitem «partilhar conhecimentos e afectos», por outro, diz ele, em continuação, «nos impedem de tomar contacto directo com a angústia, a trepidação, a alegria do outro e com a complexidade da sua experiência pessoal». Francisco atribui à mídia digital, em grande parte, o falimento das relações pessoais, um aumento de «uma profunda e melancólica insatisfação nas relações interpessoais» e o surgimento de «um nocivo isolamento». (LS 47) Em outras palavras, por mais que o Papa nos apresente alguns elementos pontualmente positivos sobre o digital, as críticas se sobressaem mais nitidamente no documento, levando-nos a buscar compreender quais são as raízes das preocupações que ele relata na *Laudato si'*.

### 3. Paradigma tecnocrático

A visão do Papa Francisco sobre a cultura digital não pode ser separada do chamado «paradigma tecnocrático», apresentado e reiterado em diversas ocasiões em seu magistério e naquele de seus predecessores mais recentes. Portanto, temos que nos aprofundar, por um momento, sobre esse conceito.

Por enxergar na cultura digital consequências essencialmente oriundas do desenvolvimento tecnológico, percebe-se, em Francisco, que a crítica ao paradigma tecnocrático é o que o orienta em sua análise e a torna bastante cética no que diz respeito aos eventuais benefícios e avanços que acompanham a transformação digital – essa postura é evidente seja na

---

<sup>20</sup> A expressão «emoções artificiais» produz alguma estranheza no leitor, pois emoções, se são sentidas, não podem ser artificiais, mas sempre sentimentos acompanhados de pensamentos e consequências reais. Entretanto, recorrendo-se à semântica conhecida de Jorge Mario Bergoglio, podemos interpretar que a referência é às emoções provocadas pela tecnologia – e, portanto, a seu ver, «artificiais» porque não são de origem natural, mas mediadas pelo digital. São emoções menos qualificadas, assume-se, em relação àquelas provenientes da relação *face-to-face*, presencial.

*Laudato si'* seja em outros documentos e discursos sobre a comunicação e o digital, como veremos aqui. Quando fala de ecologia integral, Francisco quer notar que não basta um remédio «técnico» para o problema da falta de harmonia entre o ser humano e o ambiente ao seu redor, não basta simplesmente descobrir e inventar novas tecnologias, diz ele, mas é preciso fazer uma revisão mais profunda, inclusive espiritual e moral, que restabelecerá as relações entre pessoas, com a «casa comum» e com Deus, de forma mais harmônica, saudável e sustentável. Esse olhar crítico fica bastante explícito na *Laudato si'*<sup>21</sup>.

Conforme nota Petrini, os Pontífices Paulo VI e Bento XVI já falavam da necessidade de se enfrentar a «ideologia tecnocrática», que apresentavam com um «grande perigo» de suas eras<sup>22</sup>. Referiam-se ao risco de que todas as esperanças de desenvolvimento, progresso e superação da humanidade fossem colocadas sobre o avanço tecnológico. Algo que, segundo eles, é insuficiente para promover plenamente o bem comum e a dignidade humana. A técnica, diz São Paulo VI, deve estar a serviço da pessoa humana, e não o contrário. Abordando a questão da tecnocracia aplicada à economia, na *Populorum progressio* (PP)<sup>23</sup>, de 1967, ele afirma que o próprio ser humano deve ser «o agente responsável do seu bem-estar material, progresso moral e desenvolvimento espiritual». (PP 34) Para ele, a tecnocracia é uma forma de materialismo, e, portanto, não deixa espaço para a ação do espírito. (PP 41) Escreve:

Não basta aumentar a riqueza comum, para que ela seja repartida equitativamente. Não basta promover a técnica, para que a terra possa ser habitada de maneira mais humana. Nos erros dos predecessores reconheçam, os povos que se encontram em fase de

---

<sup>21</sup> Robert McKim, «Opposing the “technocratic paradigm” and “appreciating the small things”,» in *Laudato Si' and the Environment* (London: Routledge, 2019).

<sup>22</sup> Rafaella Petrini, «Catholic Social Teaching (CST) and Sustainable Development Goals (SDGs): A Path towards Integral Human Development,» *Oikonomia*, no. 3 (2020): 6, [https://www.oikonomia.it/images/pdf/2020/ottobre/02\\_Petrini.pdf](https://www.oikonomia.it/images/pdf/2020/ottobre/02_Petrini.pdf).

<sup>23</sup> Paulo VI, «Populorum progressio», 26 de março de 1967, [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.pdf](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.pdf).

desenvolvimento, um aviso dos perigos que hão de evitar neste domínio. A tecnocracia de amanhã pode gerar ainda piores males que o liberalismo de ontem. Economia e técnica não têm sentido, senão em função do homem, ao qual devem servir. E o homem só é verdadeiramente homem, na medida em que, senhor das suas ações e juiz do valor destas, é autor do seu progresso, em conformidade com a natureza que lhe deu o Criador, cujas possibilidades e exigências ele aceita livremente. (PP 34)

Mais de 40 anos depois, o Papa Bento XVI declarou que a «ideologia tecnocrática» deixa a humanidade desorientada. «A técnica, em si mesma, é ambivalente», diz na carta encíclica *Caritas in Veritate* (CV)<sup>24</sup>. Em sua visão, não há que se negar o desenvolvimento e a ciência por completo, pois as capacidades humanas vêm de Deus, mas tampouco «absolutizar ideologicamente o progresso técnico». (CV 14) A mesma ideia de que a técnica deve servir à pessoa humana orienta, implícita e explicitamente, os ensinamentos do Papa Francisco sobre o mundo digital. Os riscos são muito mais destacados do que as vantagens, aparentemente por influência dessa tradição contundente contra a tecnocracia.

Francisco alerta, frequentemente, que o digital pode se tornar uma armadilha. Na *Laudato si'*, especificamente, observa a cultura digital sob o viés do paradigma tecnocrático. Ele analisa a tecnologia como questão de «criatividade e poder», e diz que o ser humano é capaz de produzir «coisas valiosas» (LS 103) se souber governar bem a tecnologia. Ou seja, a tecnologia é apresentada, em parte, com um instrumento nas mãos humanas, que pode ser utilizado para finalidades boas ou ruins, a depender da intenção daqueles que a controlam. Ele afirma que, entre as coisas boas que podem nascer do bom «uso» da tecnologia, estão as artes, novas alternativas energéticas, o desenvolvimento da engenharia civil e genética, os avanços em farmacêutica e tratamentos médicos, etc. A tecnologia,

---

<sup>24</sup> Bento XVI, *Caritas in Veritate*, 29 de junho de 2009, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/it/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.pdf](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/it/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.pdf).

recorda, ajuda o ser humano a superar desafios concretos e a produzir «beleza».

Porém, Francisco tem, como pano de fundo, a noção de que a absolutização do método científico, da razão, da técnica e da tecnologia, produz na humanidade uma difusa desorientação moral. Como tal, isso condiciona a vida da sociedade em seus métodos e objetivos compartilhados. Sua crítica ao paradigma tecnocrático, que, avalia, leva a crenças irrealistas – como a de que os bens do planeta à nossa disposição são ilimitados, por exemplo, e a de que tudo à nossa volta pode ser manipulado pelo ser humano – fica muito clara neste trecho:

É preciso reconhecer que os produtos da técnica não são neutros, porque criam uma trama que acaba por condicionar os estilos de vida e orientam as possibilidades sociais na linha dos interesses de determinados grupos de poder. Certas opções, que parecem puramente instrumentais, na realidade são opções sobre o tipo de vida social que se pretende desenvolver. Não se consegue pensar que seja possível sustentar outro paradigma cultural e servir-se da técnica como mero instrumento, porque hoje o paradigma tecnocrático tornou-se tão dominante que é muito difícil prescindir dos seus recursos, e mais difícil ainda é utilizar os seus recursos sem ser dominados pela sua lógica. Tornou-se anticultural a escolha dum estilo de vida, cujos objectivos possam ser, pelo menos em parte, independentes da técnica, dos seus custos e do seu poder globalizante e massificador. (LS 107-108)

Na visão do Papa Francisco, a revolução digital é inserida nesse contexto «em que o poder da tecnologia nos põe diante duma encruzilhada» (LS 102) e em que a «humanidade assumiu a tecnologia e seu desenvolvimento juntamente com um paradigma homogêneo e unidimensional». (LS 106) É necessário «limitar a técnica» (LS 112), acredita. Parte da solução, acrescenta ele, é impedir que o controle da tecnologia esteja nas mãos de apenas alguns poderosos. (LS 104) Além disso, é preciso usar

a tecnologia «para resolver os problemas concretos das pessoas», conferindo-lhes mais dignidade e menos sofrimento, complementa o Pontífice (LS 112). Para isso, ele entende que precisamos nos orientar por valores compartilhados, pelo bem comum.

De acordo com McKim<sup>25</sup>, o ponto central da crítica de Francisco ao paradigma tecnocrático está, na verdade, num aspecto moral, numa virtude que se torna mais rara, já que o Papa afirma haver um «desaparecimento da humildade», enquanto o ser humano está «excessivamente entusiasmado com a possibilidade de dominar tudo, sem limite algum». (LS 224) A tudo isso somam-se consequências como a busca ilimitada pelo lucro, o consumismo e a homogeneização das culturas. Enfim, essa sua visão «antitecnocrática», que carrega da tradição da Doutrina Social da Igreja e atualiza, aplicando-a aos dias de hoje, faz com que toda a abordagem do magistério de Francisco sobre a cultura digital esteja influenciada pela crítica ao paradigma tecnocrático – conforme argumentamos aqui.

Para Francisco, portanto, uma nova cultura ecológica não pode se reduzir a uma série de respostas técnicas para os problemas que vão desafiar a humanidade – como a degradação ambiental, por exemplo. É preciso promover uma visão de mundo compartilhada e que leve em consideração o ser humano de maneira integral, sem deixar de lado a dimensão espiritual e transcendente, e que ponha firme resistência ao paradigma tecnocrático.

#### 4. Destaques no Dia Mundial das Comunicações Sociais

Na primeira parte deste artigo, nosso objetivo foi contextualizar o magistério do Papa Francisco no que se refere à cultura digital. Entretanto, sua contribuição nestes quase dez anos de pontificado não se limitou à *Laudato si'*. Como já era tradicional desde o Papa Paulo VI, as mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, publicadas anualmente em torno do dia 24 de janeiro, memória de São Francisco de Sales,

---

<sup>25</sup> McKim, «Opposing the “technocratic paradigm”», 220.

permitem conhecer melhor o seu pensamento sobre as questões aqui discutidas. O caráter dessas mensagens é primordialmente pastoral, ou seja, elas são endereçadas acima de tudo aos membros da Igreja Católica e costumam encontrar audiência fiel entre os comunicadores católicos.

Uma das primeiras vezes em que um Pontífice tratou do tema da comunicação digital foi na mensagem de 2009, quando Bento XVI escreveu sobre «novas tecnologias e novas relações», e já avançou a proposta de promover interações mais humanas nos ambientes digitais<sup>26</sup>. Francisco não foi, portanto, o primeiro Papa a abordar o digital em suas mensagens. Em seus textos para o Dia Mundial das Comunicações Sociais<sup>27</sup>, porém, ele insere alguns dos assuntos mais centrais de seu pontificado, presentes de modo transversal em diversos outros pronunciamentos e documentos. Podemos dizer, portanto, que estas mensagens são uma parte importante de seu magistério.

Ele associa os temas que lhes são mais caros ao universo da comunicação – entre esses itens, a cultura do encontro, a família, a misericórdia, a paz, o diálogo e a fraternidade humana. Francisco também insiste sobre o fato de que a comunicação depende, necessariamente, do encontro pessoal e presencial, do olhar e do toque, entre as pessoas – algo que ele menciona também em muitas outras ocasiões como, por exemplo, quando pede que as pessoas «olhem nos olhos» dos pobres a quem dão esmolas<sup>28</sup>. Outro tema forte e frequente nas mensagens anuais sobre comunicação, e não tão comum em outros discursos de Francisco, é a busca da «Verdade» e o combate à desinformação e às *fake news*.<sup>29</sup>

---

<sup>26</sup> Bento XVI, «XLIII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2009 – “Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade”», 24 de maio de 2009, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20090124\\_43rd-world-communications-day.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html).

<sup>27</sup> Vale notar que essas mensagens são redigidas, revisadas e divulgadas com ampla participação do Dicastério para a Comunicação, seus membros e colaboradores.

<sup>28</sup> Papa Francisco, «Audiência Jubilar», 9 de abril de 2016, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2016/documents/papa-francesco\\_20160409\\_udiienza-giubilare.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2016/documents/papa-francesco_20160409_udiienza-giubilare.html).

<sup>29</sup> Por outro lado, é um tema que, à época de suas mensagens, tocava muito a questão migratória e as crises identitárias na União Europeia; outro tema forte de seu pontificado.

Entre as mensagens que o Papa Francisco publicou, algumas são dignas de breve nota, por tocar em aspectos da cultura digital de maneira mais direta. A mensagem de 2014, por exemplo, a primeira de Francisco, fala em «manifestar proximidade» nos meios de comunicação e promover a «cultura do encontro»<sup>30</sup>. Com pouco mais de um ano de pontificado, naquele momento Francisco ainda apresentava os assuntos mais centrais de seu magistério. Ao falar de uma «Igreja em saída», uma Igreja cujos membros não ficam encerrados em si mesmos, mas vão ao encontro dos mais necessitados no meio do mundo, inclui também os ambientes digitais e diz que é preciso «abrir as portas da Igreja» para o digital.

Ele faz a sua análise social, a respeito das desigualdades, e afirma que os meios de comunicação podem ser promotores da cultura do encontro. Ele diz que é preciso doar-se uns aos outros também nos ambientes digitais.

Não basta circular pelas «estradas» digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos de amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação.<sup>31</sup>

A mensagem de 2015 é dedicada ao tema das famílias e o Papa pontua que a verdadeira comunicação depende da «proximidade»<sup>32</sup>. Ele afirma que os «meios mais modernos de hoje» podem fazer com que os

---

<sup>30</sup> Papa Francisco, «XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2014 – Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro», 1 de junho de 2014, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20140124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

<sup>31</sup> Papa Francisco, «XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2014 – Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro».

<sup>32</sup> Papa Francisco, «XLIX Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2015 – Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor», 17 de maio de 2015, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20150123\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20150123_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

membros de uma família se «subtraíam à escuta» e se isolem «apesar da presença física» – mas pondera que a comunicação digital pode permitir que as pessoas que estão distantes umas das outras permaneçam em contato.

Em 2016, o Papa Francisco apresenta o perdão como um caminho de «encontro profundo». A mensagem, aliás, foi publicada durante o Jubileu Extraordinário da Misericórdia. A misericórdia, diz ele, é uma expressão sublime do amor divino, e deve ser repetida nas relações humanas. Ele afirma ser possível alcançar inclusão e reconciliação por meio da comunicação. Avalia que isso é possível em todas as realidades humanas, e faz breve menção ao ambiente digital. A misericórdia, acrescenta ele, é capaz de «curar as relações dilaceradas e restaurar a paz».

Na mensagem de 2016, entretanto, Francisco transita entre olhar as redes sociais como «lugar» ou como instrumentos a se «utilizar». Essa instabilidade conceitual sobre o digital, que por vezes é tratado como objeto neutro – a técnica nas mãos do ser humano – e por outras como ambiente a ser habitado pelos cristãos para o testemunho e a evangelização, se reflete em diversos outros discursos de Francisco. É, talvez, o ponto que produz mais ambiguidade semântica nas abordagens do Santo Padre sobre os temas da cultura digital. Na verdade, a falta de uma unidade estilística e conceitual pode estar ligada ao fato de que ele conta com outras pessoas para redigir essas mensagens e discursos. Isso nos leva a crer que o viés crítico, orientado pelo paradigma tecnocrático, conforme apresentado anteriormente, é o elemento autenticamente «bergogliano» dos textos de Francisco nessa área.

De qualquer forma, na mensagem de 2016, ele afirma que:

A comunicação tem o poder de criar pontes, favorecer o encontro e a inclusão, enriquecendo assim a sociedade. Como é bom ver pessoas esforçando-se por escolher cuidadosamente palavras e gestos para superar as incompreensões, curar a memória ferida e construir paz e harmonia. As palavras podem construir pontes entre as pessoas, as famílias, os grupos sociais, os povos. E isto acontece tanto

no ambiente físico como no digital. [...] As redes sociais são capazes de favorecer as relações e promover o bem da sociedade, mas podem também levar a uma maior polarização e divisão entre as pessoas e os grupos. O ambiente digital é uma praça, um lugar de encontro, onde é possível acariciar ou ferir, realizar uma discussão proveitosa ou um linchamento moral. [...] Em rede, também se constrói uma verdadeira cidadania. O acesso às redes digitais implica uma responsabilidade pelo outro, que não vemos mas é real, tem a sua dignidade que deve ser respeitada. A rede pode ser bem utilizada para fazer crescer uma sociedade sadia e aberta à partilha.<sup>33</sup>

Nas mensagens de 2017 e 2018, Francisco se dedica ao tema da comunicação «construtiva», como canal de esperança e promoção da cultura do encontro. Detém-se sobre o problema da desinformação, que aumentou de maneira exacerbada na cultura digital, pois a informação pode ser produzida e difundida de modo descentralizado e em volume nunca antes visto na história humana. Em 2017, ele se lamenta de que as «notícias más»<sup>34</sup> ganhem mais espaço nas mídias do que as notícias boas. Já o documento de 2018 é mais direto e aponta para o problema das *fake news*, algo que apresenta como um problema antigo na história e antropologia humanas, como a mentira e a dissimulação, algo visto já entre personagens bíblicos como Abel e Caim<sup>35</sup>. É algo, todavia, que na cultura digital adquire novas e maiores proporções, entende o Pontífice.

---

<sup>33</sup> Papa Francisco, «L Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2016 – “Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo”», 8 de maio de 2016, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20160124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

<sup>34</sup> Papa Francisco, «51.º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2017 – “Não tenhas medo, que Eu estou contigo” (Is 43, 5); Comunicar esperança e confiança, no nosso tempo», 28 de maio de 2017, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20170124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20170124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

<sup>35</sup> Cf. *Gn* 4, 1-16; 11, 1-9.

Como proposta para reagir ao problema das informações falsas e infundadas, Francisco indica a educação midiática, que deve ensinar a reconhecê-las e enfrentá-las. Também afirma que: «O melhor antídoto contra as falsidades não são as estratégias, mas as pessoas: pessoas que, livres da ambição, estão prontas a ouvir e, através da fadiga dum diálogo sincero, deixam emergir a verdade; pessoas que, atraídas pelo bem, se mostram responsáveis no uso da linguagem.»<sup>36</sup>

No documento de 2019, Francisco diferencia as comunidades de redes sociais, chamadas no texto em português de «*network communities*», das comunidades de pessoas que têm entre si relações verdadeiras, de proximidade e cuidado, e não apenas enlaces digitais. Ele propõe que as comunidades genuínas funcionem como «rede solidária», na qual prevalece a «escuta recíproca e o diálogo», além do «uso responsável da linguagem». Segundo ele, «salta aos olhos de todos como a comunidade de redes sociais não seja, automaticamente, sinónimo de comunidade», pois muitas vezes é somente formada por «agregados de indivíduos que se reconhecem em torno de interesses ou argumentos caracterizados por vínculos frágeis». Falando sobre as comunidades digitais, ele continua:

Esta tendência alimenta grupos que excluem a heterogeneidade, alimentam no próprio ambiente digital um individualismo desenfreado, acabando às vezes por fomentar espirais de ódio. E, assim, aquela que deveria ser uma janela aberta para o mundo, torna-se uma vitrine onde se exhibe o próprio narcisismo. A rede é uma oportunidade para promover o encontro com os outros, mas pode também agravar o nosso autoisolamento, como uma teia de aranha capaz de capturar. Os adolescentes é que estão mais expostos à ilusão de que a *social web* possa satisfazê-los completamente a nível relacional, até se chegar ao perigoso fenómeno dos jovens «eremitas sociais»,

---

<sup>36</sup> Papa Francisco, «LII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2018 – “A verdade vos tornará livres” (Jo 8, 32). *Fake news* e jornalismo de paz», 13 de maio de 2018, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20180124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

que correm o risco de se alhear totalmente da sociedade. Esta dinâmica dramática manifesta uma grave rutura no tecido relacional da sociedade, uma laceração que não podemos ignorar.<sup>37</sup>

As mensagens de 2021 e 2022, as mais recentes e já escritas num contexto influenciado pela pandemia da Covid-19, que revolucionou nossas relações com a tecnologia, voltam a insistir no encontro físico e presencial entre pessoas diferentes, que, nas palavras de Francisco, jamais pode ser igualado àquele realizado por meio da tecnologia.<sup>38</sup> Em 2021, o Pontífice insiste na ideia de que, para conhecer a realidade, é preciso sair de casa, dos escritórios, das redações de empresas de mídia, das redes sociais e «gastar as solas dos sapatos»<sup>39</sup>. Ele se dedica especialmente ao jornalismo, e defende que é preciso sair e ir ao encontro das pessoas «para procurar histórias ou verificar com os próprios olhos determinadas situações». Os comunicadores que não vão ao encontro direto e presencial dos outros tornam-se «espectadores externos», diz o Papa.

Francisco procura, quase sempre, ponderar suas críticas com elementos positivos sobre o digital: neste caso aborda a rapidez com que a informação pode ser transmitida de uma ponta a outra, por meio da Internet, ele vê grande vantagem no fato de que «todos podemos tornar-nos testemunhas de acontecimentos que de contrário seriam negligenciados pelos meios de comunicação tradicionais». Entretanto, por vezes volta a tratar da «tecnologia digital» principalmente como um instrumento que pode

---

<sup>37</sup> Papa Francisco, «53.º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2019 – “Somos membros uns dos outros” (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana», 2 de junho de 2019, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20190124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

<sup>38</sup> Estranhamente, o documento com o tema «ir e ver» surge em meio à pandemia da Covid-19, período em que os *lockdowns* ao redor do mundo ainda impediam muitos de realizar atividades coletivas e presenciais. É possível que a mensagem já estivesse no prelo antes do desenrolar da crise sanitária global e que, portanto, tenha sido publicada assim mesmo.

<sup>39</sup> Metáfora parecida com aquela de Gay Talese, pioneiro do «*new journalism*», que por vezes defendeu «*the art of hanging out*» – sair da escrivaninha, ir às ruas, passar tempo com os personagens das histórias a serem contadas.

ser usado para o bem ou para o mal, a depender de quem o controla. Afirma o Pontífice:

Uma tal consciência crítica impele-nos, não a demonizar o instrumento, mas a uma maior capacidade de discernimento e a um sentido de responsabilidade mais maduro, seja quando se difundem seja quando se recebem conteúdos. Todos somos responsáveis pela comunicação que fazemos, pelas informações que damos, pelo controlo que podemos conjuntamente exercer sobre as notícias falsas, desmascarando-as. Todos estamos chamados a ser testemunhas da verdade: a ir, ver e partilhar. Na comunicação, nada pode jamais substituir, de todo, o ver pessoalmente. Algumas coisas só se podem aprender, experimentando-as.<sup>40</sup>

A mensagem mais atual até aqui, a de 2022, é uma continuação daquela do ano anterior. Francisco aborda o tema da «escuta», algo que tem enfatizado bastante enquanto promove a sinodalidade como método e organização da Igreja, em seu pontificado<sup>41</sup>. Escutar é ouvir «várias vozes» e discernir juntos, explica o Papa. Entretanto, ele entende que, muitas vezes, na Internet, a «escuta» é aplicada como uma forma de «espionagem» ou bisbilhotagem, por meio da qual procura-se saber tudo sobre a vida dos outros. Também por isso, ele volta a colocar o encontro pessoal e presencial em uma escala de qualidade superior às conexões possibilitadas por meio da tecnologia, nos ambientes digitais. «Ao contrário, aquilo que torna boa e plenamente humana a comunicação é precisamente a escuta de quem está à nossa frente, face a face, a escuta do

---

<sup>40</sup> Papa Francisco, «55.º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2021 – “Vem e verás” (Jo 1, 46). Comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são», 23 de janeiro de 2021, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20210123\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20210123_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

<sup>41</sup> Adriana Masotti, «O Papa: sinodalidade não é um slogan, significa essencialmente “caminhar juntos”», *Vatican News*, 18 de setembro de 2021, <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-09/papa-francisco-encontro-diocese-roma-sinodalidade.html>.

outro, abeirando-nos dele com abertura leal, confiante e honesta», afirma textualmente<sup>42</sup>.

Embora não haja um padrão temático ou estilístico nas mensagens do Dia Mundial das Comunicações Sociais, que, como mencionado antes, têm caráter primordialmente pastoral, nota-se que o Papa Francisco utiliza esses textos com dois objetivos claros. Primeiro, aproveita a data festiva dos comunicadores católicos para responder a alguma problemática que, segundo ele mesmo – e, talvez, segundo seus colaboradores no Vaticano – merece uma reflexão do Pontífice iluminada pelas Escrituras. Segundo, Francisco frequentemente reapresenta nessas mensagens alguns dos conceitos e ideias que lhes são mais caros – como a misericórdia, a cultura do encontro, a sinodalidade, etc. – inserindo-as no universo das comunicações e fazendo-lhes chegar aos agentes de pastoral da comunicação e seus formadores.

### 5. Algum otimismo na *Christus vivit* (2019)

Em linhas gerais, pode-se afirmar que as mensagens do Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais não se destacam particularmente por um tom otimista no que compete à cultura digital, algo que, ao contrário, é possível identificar alguns aspectos mais positivos de maneira mais evidente na exortação apostólica *Christus vivit* (CV), de 2019<sup>43</sup>. Curiosamente, na *Christus vivit*, que é configurada como uma carta do Papa Francisco aos jovens de todo o mundo, ele parece aligeirar o tom crítico em relação à cultura digital – embora ele persevere nas suas duras críticas, como veremos abaixo.

A exortação apostólica foi redigida após o Sínodo dos Bispos de 2018, que teve como tema «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional». Antes de chegar ao documento papal, o Sínodo realizou uma

---

<sup>42</sup> Papa Francisco, «56.º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2022 – Escutar com o ouvido do coração», 24 de janeiro de 2022, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>.

<sup>43</sup> Papa Francisco, *Christus vivit*, 25 de março de 2019, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20190325\\_christus-vivit.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html).

assembleia de jovens em Roma, em 2018, abriu uma série de consultas *online* e organizou uma assembleia-geral de bispos naquele mesmo ano. A exortação pós-sinodal é, portanto, resultado de um longo processo, que durou cerca de dois anos, e foi fortemente influenciado pelos temas e discussões gerados, inclusive, pelos próprios jovens que participaram do caminho sinodal.

Papa Francisco abandona, por um momento, a noção de que o impacto do digital é essencialmente aquele da técnica que pode prevalecer sobre o fator humano e ser instrumentalizada para o mal – comenta, finalmente, que não se trata apenas de utilizar instrumentos, tecnologias de comunicação, mas que vivemos numa cultura digitalizada. Neste documento, ele olha para o digital com mais nuances do que em situações anteriores, buscando compreender quais são os princípios que atraem os jovens à vida conectada. Citando o documento final do Sínodo, ele afirma que:

O ambiente digital caracteriza o mundo atual. Largas faixas da humanidade vivem mergulhadas nele de maneira ordinária e contínua. Já não se trata apenas de «usar» instrumentos de comunicação, mas de viver numa cultura amplamente digitalizada que tem impactos muito profundos na noção de tempo e espaço, na percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, na maneira de comunicar, aprender, obter informações, entrar em relação com os outros. Uma abordagem da realidade, que tende a privilegiar a imagem relativamente à escuta e à leitura, influencia o modo de aprender e o desenvolvimento do sentido crítico. (CV 86)

O Papa Francisco reconhece, então, que os ambientes digitais estão entre os principais espaços onde se encontram os jovens e que, portanto, ali eles localizam grandes oportunidades, pois se trata de «uma nova maneira de comunicar e criar vínculos, sendo uma “praça” onde os jovens passam muito tempo e se encontram facilmente». (CV 87) O Pontífice define o universo digital por meio de seu «extraordinário» potencial de

«diálogo, encontro e intercâmbio entre as pessoas, bem como de acesso à informação e ao saber». Mais ainda, «o mundo digital é um contexto de participação sociopolítica e de cidadania ativa, podendo facilitar a circulação duma informação independente capaz de tutelar eficazmente as pessoas mais vulneráveis, revelando as violações dos seus direitos», sem contar nas iniciativas pastorais de sucesso voltadas para os jovens dentro da Igreja. (CV 87)

Apesar dessa rápida apresentação relativamente positiva, ou ao menos otimista, sobre o digital, na *Christus vivit*, Francisco não deixa de reiterar suas ponderações mais críticas a respeito disso. Ele acrescenta que, como toda realidade humana, o digital tem seus limites. Entre eles, há que se estar atentos com os enormes interesses econômicos por trás das estruturas tecnológicas, já que estão nas mãos de grandes conglomerados midiáticos, cujos interesses por vezes são escusos.

Não é salutar confundir a comunicação com o simples contacto virtual. De facto, o ambiente digital é também um território de solidão, manipulação, exploração e violência, até ao caso extremo da *dark web*. Os meios de comunicação digitais podem expor ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contacto com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento de relações interpessoais autênticas. Difundem-se novas formas de violência através das redes sociais, como o *cyberbullying*; a *web* é também um canal de difusão da pornografia e de exploração de pessoas para fins sexuais ou através do jogo de azar. [...] O funcionamento de muitas plataformas acaba frequentemente por favorecer o encontro entre pessoas com as mesmas ideias, dificultando o confronto entre as diferenças. Estes circuitos fechados facilitam a divulgação de informações e notícias falsas, fomentando preconceitos e ódio. A proliferação das notícias falsas é expressão duma cultura que perdeu o sentido da verdade e sujeita os factos a interesses particulares. (CV 88-89)

Como se nota, no que diz respeito aos comportamentos das pessoas nas redes sociais, o Papa volta a dizer que o contato humano presencial é mais importante do que as relações mediadas pela tecnologia – que ele dá a entender não serem propriamente «reais», mas apenas «virtuais», uma distinção que a maioria dos estudiosos de mídia não faz mais, como mencionado anteriormente em Castells. Francisco acredita que, no processo de formação de identidade dos jovens, muitos se iludem nos ambientes digitais com falsas amizades, e precisam discernir entre as relações que são verdadeiras e as que não são.

Ele completa, dizendo que os jovens de hoje vivem o desafio de «interagir com um mundo real e virtual», no qual se apresentam dimensões «pessoais, culturais e globais» que precisam ser assimiladas. Mas, na visão do Papa, esse discernimento requer que os jovens consigam «passar do contacto virtual a uma comunicação boa e saudável» (CV 90) – novamente colocando as relações mediadas pela tecnologia num patamar moral de qualidade inferior.

Para o Papa Francisco, os jovens precisam tomar o cuidado para não se deixarem levar pelas modas, pelas aparências e pelas influências dos outros na Internet. Ele fala do beato Carlo Acutis<sup>44</sup> para transmitir a mensagem de que foi um jovem antenado com as tecnologias e com as novidades de seu tempo, mas que não se deixou levar pelas ondas transitórias e pelos modismos – embora, é verdade, a Internet em sua época não seja como é hoje.

Como Acutis, os jovens conectados devem fugir da tentação de serem «dependentes do consumo e das novidades», ou «obcecados pelo tempo livre, fechados na negatividade». (CV 105) Em vez de buscar ser

---

<sup>44</sup> Filipe Domingues, «Carlo Acutis Could Become the First Millennial Saint. Here's the Story behind His First Miracle,» *America Magazine*, 20 de novembro de 2020, <https://www.americamagazine.org/faith/2020/11/20/blessed-carlo-acutis-saint-relics-millennial-miracle>.

«igual aos outros», Acutis abriu-se ao Evangelho e «usou as novas técnicas de comunicação» para transmiti-lo, continua o Pontífice. (CV 106) Tudo somado, nota-se, assim, que a *Christus vivit* é, talvez, o documento mais positivo do Papa Francisco sobre a cultura digital, ainda que apresente suas limitações, como temos demonstrado.

## 6. Questionamentos mais recentes

O Papa Francisco é claramente um grande promotor da comunicação humana, conforme argumentamos no início desta contribuição. Ele enxerga na amizade social um lubrificante para se chegar à cultura do encontro. Mas suas ressalvas sobre o modelo de comunicação atual, submetido à cultura digital, chegam também em dois dos seus documentos mais recentes, a exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazonia* (QA) e a encíclica sobre a fraternidade humana, *Fratelli tutti* (FT).

Naturalmente, *Querida Amazonia* não é um documento sobre comunicação, mas sobre a questão dos povos amazônicos e do meio ambiente, escrita e publicada após o sínodo convocado pelo Papa Francisco em 2020. Um dos temas centrais do documento é a crítica ao modelo de desenvolvimento da Amazônia.

Entretanto, ali ele faz rápida menção à sua preocupação, já manifestada em outras oportunidades, sobre o impacto dos meios de comunicação digital, que são submetidos ao poder econômico dominante, e o fato de que, frequentemente, não permitem às pequenas comunidades e povos a se expressarem com dignidade. Fala de uma verdadeira «invasão colonizadora dos meios de comunicação de massa». (QA 39) Embora não esteja dito explicitamente, sabe-se que as comunidades amazônicas, hoje, são fortemente influenciadas pelas mídias, pois os *smartphones* já chegaram inclusive a regiões mais remotas e ermas.

Na *Fratelli tutti*, Papa Francisco usa uma expressão contundente: a «ilusão da comunicação». Ali, ele volta a uma visão predominantemente negativa sobre a comunicação digital, por meio da qual, segundo ele, «quer-se mostrar tudo, e cada indivíduo torna-se objeto de olhares que esquadrinham, desnudam e divulgam, muitas vezes anonimamente.

Dilui-se o respeito pelo outro e, assim, ao mesmo tempo que o apago, ignoro e mantenho afastado, posso despidoradamente invadir até ao mais recôndito da sua vida.» (FT 42)

As relações digitais, que dispensam da fadiga de cultivar uma amizade, uma reciprocidade estável e até um consenso que amadurece com o tempo, têm aparência de sociabilidade, mas não constroem verdadeiramente um “nós”; na verdade, habitualmente dissimulam e ampliam o mesmo individualismo que se manifesta na xenofobia e no desprezo dos frágeis. A conexão digital não basta para lançar pontes, não é capaz de unir a humanidade. (FT 43)

O digital, nesta encíclica de Francisco, ainda é visto predominantemente como instrumento, e não como propulsor de uma nova cultura, da sociedade em rede, que pode ser inovadora, que pode dar voz a mais pessoas. Em vez disso, ele mantém sua colocação firme destacando os aspectos negativos do modelo de comunicação que prevalece em nossos dias. Se, por um lado diz que «a Internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos, e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus», por outro lado – e esse parece ser mais expressivo, para ele, «é necessário verificar, continuamente, que as formas atuais de comunicação nos orientem efetivamente para o encontro generoso, a busca sincera da verdade íntegra, o serviço, a aproximação dos últimos e o compromisso de construir o bem comum». (FT 205)

### **Conclusão**

Ao falarmos de «ecologias digitais», como nos propõe este volume, somos convidados a reconhecer que a contribuição do magistério de Francisco para as reflexões sobre o digital é profícua e faz pensar. Não tanto por fornecer conceitos novos ou especializados, mas porque propõe ensinamentos de caráter moral, social e teológico que têm raízes na Doutrina Social da Igreja e podem ser aprofundados e aplicados à dinâmica da comunicação humana e do anúncio do Evangelho em nossos dias.

A comunicação é, primordialmente, para o Papa Francisco, o processo de construção e uma expressão da cultura do encontro.

Se formos levar em conta o que o atual sumo-pontífice diz sobre cultura digital, nesta reflexão mais ampla, que certamente precisará de outras fontes de conhecimento e de aprofundamento, podemos partir de três pontos principais, apresentados neste artigo. Primeiro, temos que compreender que toda fala do Papa Francisco sobre a cultura digital é profundamente enraizada e influenciada pela crítica ao paradigma tecnocrático – que já é tradicional na Doutrina Social da Igreja, mas que ele mesmo desenvolveu e disseminou. Esse condicionamento se soma a seus limites geracionais e técnicos, naturalmente, no que diz respeito à situação tecnológica. Porém, sem compreender a crítica ao paradigma tecnocrático é impossível entender os posicionamentos de Francisco sobre o digital.

Em segundo lugar, uma mensagem central do magistério de Francisco nesse âmbito é a de que tudo o que se refere à dimensão digital deve ser complementar à dimensão concreta, física, que por vezes ele quer associar ao «real» (embora o que ocorre nas redes também tenha impactos reais). Enfim, para Francisco, pode-se falar em complementaridade entre a parcela digital e a parcela analógica da vida, embora as duas estejam cada vez mais fundidas.

Entretanto, segundo ele manifesta em seu magistério, o elemento digital jamais poderá substituir o encontro pessoal e humano cara-a-cara. O mundo concreto, não aquele apresentado pelas telas, é muito importante para este Pontífice. Toda e qualquer proposta ética para ecologias digitais que levem em consideração o magistério de Francisco devem encontrar uma extrapolação «física», presencial ou concretamente relacional.

Terceiro, e finalmente, uma questão de ordem estrutural e, talvez, eclesiológica que pode alimentar futuras reflexões mais especializadas do

que a nossa. Vale destacar a importância do processo sinodal na construção do magistério papal. No que diz respeito às análises sobre a cultura digital, no magistério de Francisco, a *Christus vivit* é o documento mais completo e mais ponderado do Papa Francisco. É o mais equilibrado, queremos crer, justamente porque é iluminada pela visão dos jovens e daqueles que participaram do processo sinodal de 2018.

A exortação redigida após o sínodo sobre os jovens parece ser o texto mais sintonizado com o que tem sido falado no mundo sobre a cultura digital, seja na academia, seja nos meios especializados, nas quais os ambientes digitais não são apresentados como intrinsecamente negativos, mas tampouco como neutrais. Orientada pelo olhar dos jovens e especialistas da área, a *Christus vivit* trouxe ao magistério papal uma reflexão realista, otimista e uma linguagem precisa, sem deixar de ser crítica, no que remete especificamente à reflexão sobre a cultura digital.

### Bibliografia

- Bento XVI. *Caritas in Veritate*. 29 de junho de 2009. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/it/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.pdf](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/it/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.pdf)
- Bento XVI. «XLIII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2009 – “Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade”». 24 de maio de 2009. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20090124\\_43rd-world-communications-day.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html)
- Brennen, J. Scott, and Daniel Kreiss. «Digitalization.» In *The International Encyclopedia of Communication Theory and Philosophy*, 1-11. Chichester: John Wiley & Sons, 2016.
- Castells, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- Castells, Manuel. «The Impact of the Internet on Society: A Global Perspective.» *Society, the Community, and People* (2013), [http://aasa.ut.ee/augsburg/literature/CASTELLS\\_BBVA-OpenMind-book-Change-19-key-essays-on-how-internet-is-changing-our-lives-Technology-Internet-Innovation.pdf](http://aasa.ut.ee/augsburg/literature/CASTELLS_BBVA-OpenMind-book-Change-19-key-essays-on-how-internet-is-changing-our-lives-Technology-Internet-Innovation.pdf)
- Castells, Manuel. *The Information Age: Economy, Society and Culture, The Power of Identity*. Chichester: John Wiley & Sons, 1997.

- Czerny, Michael. «Verso una Chiesa sinodale.» *La Civiltà Cattolica*, 31 de dezembro de 2020. <https://www.laciviltacattolica.it/articolo/verso-una-chiesa-sinodale/>
- Domingues, Filipe. «Carlo Acutis Could Become the First Millennial Saint. Here's the Story behind His First Miracle.» *America Magazine*, 20 de novembro de 2020. <https://www.americamagazine.org/faith/2020/11/20/blessed-carlo-acutis-saint-relics-millennial-miracle>
- Fabris, Adriano. *Etiche applicate. Una guida*. Roma: Carocci, 2018.
- Francisco, Papa. «51.º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2017 – “Não tenhas medo, que Eu estou contigo” (Is 43, 5). Comunicar esperança e confiança, no nosso tempo». 28 de maio de 2017. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20170124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20170124_messaggio-comunicazioni-sociali.html)
- Francisco, Papa. «53.º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2019 – “Somos membros uns dos outros” (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana». 2 de junho de 2019. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20190124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html)
- Francisco, Papa. «55.º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2021 – “Vem e verás” (Jo 1, 46). Comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são». 23 de janeiro de 2021. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20210123\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20210123_messaggio-comunicazioni-sociali.html)
- Francisco, Papa. «56.º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2022 – Escutar com o ouvido do coração». 24 de janeiro de 2022. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>
- Francisco, Papa. «Audiência Jubilar». 9 de abril de 2016. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco\\_20160409\\_udienza-giubilare.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160409_udienza-giubilare.html)
- Francisco, Papa. *Christus vivit*. 25 de março de 2019. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20190325\\_christus-vivit.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html)

- Francisco, Papa. *Evangelii gaudium*. 24 de novembro de 2013. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.pdf](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.pdf)
- Francisco, Papa. *Fratelli tutti*. 3 de outubro de 2020. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.pdf](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.pdf)
- Francisco, Papa. «L Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2016 – “Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo”». 8 de maio de 2016. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20160124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html)
- Francisco, Papa. «LII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2018 – “A verdade vos tornará livres” (Jo 8, 32). *Fake news* e jornalismo de paz». 13 de maio de 2018. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20180124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html)
- Francisco, Papa. *Querida Amazonia*. 2 de fevereiro de 2020. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20200202\\_querida-amazonia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html)
- Francisco, Papa. «Udienza ai Partecipanti al Capitolo Generale della Società San Paolo (Paolini)». 18 de junho de 2022. <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2022/06/18/0469/00964.pdf>
- Francisco, Papa. «XLIX Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2015 – Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor». 17 de maio de 2015. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20150123\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20150123_messaggio-comunicazioni-sociali.html)
- Francisco, Papa. «XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2014 – Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro». 1 de junho de 2014. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20140124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html)
- João Paulo II. «Redemptoris missio». 7 de dezembro de 1990. [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.pdf](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.pdf)

- Masotti, Adriana. «O Papa: sinodalidade não é um slogan, significa essencialmente “caminhar juntos”». *Vatican News*, 18 de setembro de 2021. <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-09/papa-francisco-encontro-diocese-roma-sinodalidade.html>.
- McKim, Robert. «Opposing the “technocratic paradigm” and “appreciating the small things”.» In *Laudato Si’ and the Environment*. London: Routledge, 2019.
- Miller, Vincent. *Understanding Digital Culture*. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2020.
- Paulo VI. «Populorum progressio». 26 de março de 1967. [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.pdf](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.pdf)
- Petrini, Rafaella. «Catholic Social Teaching (CST) and Sustainable Development Goals (SDGs): A Path towards Integral Human Development.» *Oikonomia*, no. 3 (3 de outubro de 2020): 6.
- Prensky, Marc. «H. Sapiens Digital: From Digital Immigrants and Digital Natives to Digital Wisdom.» *Innovate: Journal of Online Education*. Volume 5, number 3 (2009). <https://www.learntechlib.org/p/104264/>
- Rainie, Lee, and Barry Wellman. *Networked: The New Social Operating System*. Cambridge: The MIT Press, 2012. <https://www.jstor.org/stable/j.ctt5vjq62>
- Sánchez-Camacho, Jesús. «The approach of Pope Benedict XVI to media and digital culture in Catholic social thought.» *Church, Communication and Culture* 7, no. 2 (3 de julho de 2022): 391-414. <https://doi.org/10.1080/23753234.2022.2111974>

Artigo submetido a 02.11.2022 e aprovado a 18.01.2023.

